



A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO BRASIL: CAMINHOS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES¹

Valdiney V. Gouveia
Universidade Federal da Paraíba

A avaliação psicológica é uma área eminentemente técnica e aplicada da Psicologia. As formulações teóricas e as pesquisas têm sido direcionadas para desenvolver estratégias cada dia mais eficazes para conhecer o comportamento humano, focando na medição de atributos psicológicos e avaliação de processos que permitam não apenas descrevê-lo, mas situá-lo no contexto da sociedade. Esta é uma área que vem evoluindo muito no Brasil, evidenciando, sobretudo, um crescimento vertical, de aprimoramento e qualificação de profissionais. Porém, carece de um alargamento, crescimento horizontal, difundindo-se não como mero exercício de aplicar e corrigir testes, mas pensar criticamente, elaborar, propor mudanças e aprimorar instrumentos, nos mais diversos âmbitos. Este é seguramente o desafio permanente daqueles que atuam no campo da avaliação psicológica, embora não seja o único. O presente texto pretende apresentar uma visão específica que foi sendo construída

¹ **NOTAS DO AUTOR:** O presente artigo contou com apoio do *CNPq* por meio de bolsa de *Produtividade em Pesquisa*, instituição que o autor agradece. Nesta oportunidade, também expressa sua gratidão ao convite gentilmente formulado pela Editora da revista (Profa. Sheyla Fernandes), aos comentários de seus bolsistas (Ana Karla Soares, Josélia Costa, Kátia Vione, Luana de Souza, Rebecca Atahyde e Tiago de Lima) e às sugestões de colegas da área (Carlos Eduardo Pimentel, Emerson Diógenes de Medeiros, João Carlos Alchieri e Walberto Silva dos Santos) para uma versão preliminar deste texto. Toda correspondência deverá ser encaminhada à Valdiney V. Gouveia, Universidade Federal da Paraíba, CCHLA – Departamento de Psicologia – 58.051-900, João Pessoa – PB. Telefone: (83) 3216.7924, Fax: (83) 3216.7064. E-mail: vgouveia@gmail.com.

sobre a avaliação psicológica, não apenas em bancos de universidades, mas, principalmente, no contexto de elaboração e adaptação de instrumentos e técnicas de medidas. Procuro a seguir considerar brevemente algo de história da área, logo mapear avanços percebidos e, finalmente, indicar alguns dos desafios que precisarão ser superados.

Seria descabido da minha parte generalizar meu ponto de vista ou achar que é o único possível; seguramente outros colegas poderão pensar diferente, e esta diversidade nada mais é que o reflexo das escolhas que cada um de nós foi fazendo no caminho. Entretanto, também não parecerão demasiadamente novas algumas das idéias a seguir expostas, pois podem refletir conversas que têm sido levadas a cabo nos diversos momentos de discussão ou mesmo os anseios de um grupo que vem se definindo cada vez com maior clareza e consistência. O leitor interessado em conhecer mais acerca desta área é convidado a consultar obras de colegas que têm dado contribuições importantes, definindo conceitos, práticas e perspectivas da avaliação psicológica no Brasil (por exemplo, Alchieri & Cruz, 2003; Cruz, Alchieri & Sardá Jr., 2002; Cunha, 2003; Noronha, Santos & Sisto, 2006; Pasquali, 2003).

UM POUCO DE HISTÓRIA

Historiar uma área, por mais específica que seja, é sempre uma tarefa inesgotável. Seguramente não se poderá ser plenamente fiel aos fatos, impregnados por uma leitura daquele que traz consigo uma visão marcada por suas experiências pessoais. É possível que se encontrem na literatura narrativas históricas sobre a avaliação psicológica no contexto internacional (Alchieri & Cruz, 2003; Anastasi & Urbina, 2000; Pasquali, 2003; Urbina, 2007), porém ainda são escassas as tentativas de retratar a realidade nacional. Portanto, o presente texto não deixa de expressar uma contribuição, ainda que modesta e específica neste contexto. A visão aqui apresentada pode ser



melhor descrita como idiográfica, vivencial, o que demanda o emprego de redação mais personalista, falando em primeira pessoa do singular. Neste sentido, a década de 1980 é tomada como referência, identificando alguns elementos e pessoas que marcaram a área. Por suposto, não se descartam contribuições para a avaliação psicológica antes desta época e, de fato, livros importantes de então continuam a ser citados (por exemplo, Baquero, 1974; Van Kolck, 1974).

Para que o leitor se situe, penso ser interessante compartilhar minha visão acerca de como se “estruturam” os profissionais e pesquisadores da avaliação psicológica no Brasil. Embora seja uma divisão algo arbitrária, sou levado a agrupá-los em três gerações – no sentido mesmo de descendência. Lamentavelmente, o espaço limitado e a memória falha não me permitem citar todos os colegas, mas apenas alguns deles. Por exemplo, uma busca na *Plataforma Lattes*, empregando a expressão-chave “Avaliação Psicológica”, permitiu identificar mais de 1700 colegas que, direta ou indiretamente, estão relacionados com a área. Portanto, possivelmente eu tenha deixado de fora alguns tão ou mais importantes que os aqui listados, porém as contribuições destes são inegáveis.

A primeira geração reuniu nomes como André Jacquemin (USP), Cícero Vaz (PUC-RS), Cláudio Hutz (UFRGS), Jurema Cunha (PUC-RS), Luiz Pasquali (UnB) e Solange Wechsler (UNICAMP). Obviamente, as contribuições da época não se restringiram a estes colegas. Porém, como hoje é conhecida, a área de avaliação psicológica deve muito aos seus esforços, introduzindo idéias e práticas até então pouco conhecidas, firmando a base para a emergência dos laboratórios de avaliação psicológica, publicações especializadas (por exemplo, *Revista Brasileira de Orientação Vocacional*, *Revista da Sociedade de Rorschach*, *Avaliação Psicológica*) e associações (por exemplo, Associação Brasileira de Orientação Vocacional, Associação Brasileira de

Rorschach e Métodos Projetivos, Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica) a respeito. Embora alguns deles tenham se limitado a fazer o que hoje se conhece como *Teoria Clássica dos Testes*, não restam dúvidas de que introduziram seus “seguidores” no âmbito da moderna *Teoria de Resposta ao Item (TRI)* e das análises por equações estruturais.

A segunda geração, espelhada nos trabalhos dos professores previamente citados, reúne colegas como Ana Paula Noronha (USF), Denise Bandeira (UFRGS), Elizabeth Nascimento (UFMG), João Carlos Alchieri (UFRN), Ricardo Primi (USF), Roberto Cruz (UFSC), Sonia Pasian (USP) e Wagner Andriola (UFC). Tal geração, ocupando espaços novos no território brasileiro, vem aprimorando os ensinamentos prévios, produzindo novos conhecimentos na área, incorporando tecnologias recentes de construção de itens e análise de dados. A maior parte, embora não formada em escolas que ofereceram cursos (Mestrado e Doutorado) formais em avaliação psicológica, esteve atrelada a colegas que procuraram se especializar; alguns também se aventuraram em doutorados e estágios pós-doutorais fora do país. Quiçá seu principal mérito seja precisamente não deixar sucumbir a avaliação psicológica brasileira, formando novos pesquisadores e introduzindo-os a tecnologias e recursos informáticos sofisticados para análise de dados (por exemplo, Alceste, Amos, Bilog-MG, Circum, GGUM2000, GraphPadPrism, Parscale, Testfact). Muitos deles auxiliaram na implementação e consolidação de programas de pós-graduação (*stricto e lato sensu*), e seguem atuando em cursos de Mestrado e/ou Doutorado voltados para a avaliação psicológica especificamente ou contribuindo desde áreas correlatas. A maioria é bolsista de produtividade do CNPq, com publicações importantes em âmbitos nacional e internacional. Direta ou indiretamente, a partir de discussões ou trabalhos conjuntos, estes têm formado muitos dos professores recentemente



contratados como conseqüência de políticas educacionais, a exemplo do REUNI.

A terceira geração é a atual, que promete dar um impulso à área, reunindo ainda mais recursos tecnológicos, incorporando conhecimentos das gerações passadas, mas não se limitando a eles. Seguramente avançará muito no âmbito da TRI, estando aberta a trabalhar com modelos politômicos, de desdobramento, procedimentos de reamostragem, análises paralelas, análises curvilineares, escalonamentos multidimensionais confirmatórios etc. Provavelmente, com os recursos informáticos que se renovam e aprimoram a cada dia, o salto terá sido gigantesco no final desta geração, permitindo que a avaliação psicológica brasileira não deixe a desejar para o que tem se apresentado em países como Espanha, Estados Unidos e Holanda. Lembro-me neste grupo de colegas muito jovens, porém claramente produtivos e inovadores, como Adriana de Andrade Gaião e Barbosa (UFPB), Carlos Henrique Nunes (UFSC), Caroline Reppold (UFCSPA), Fabián Rueda (USF), Girlene Ribeiro de Jesus (CESPE-UnB), Igor Menezes (UFBA), Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho (UFAL), Josemberg Moura de Andrade (UFF), Patrícia Nunes da Fonsêca (UNIPE) e Walberto Silva dos Santos (UFC). Chamam a atenção dois aspectos desta geração: (1) alguns são realmente fruto de programas de pós-graduação dirigidos ou vinculados à avaliação e medida em Psicologia, e (2) evidencia-se um rápido avanço e conseqüente fortalecimento da avaliação psicológica nos estados do Nordeste; vale destacar que no Piauí pesquisadores ainda mais jovens já começam seu labor na área (UFPI; Emerson Diógenes de Medeiros e Estefânea Élide Gusmão).

Diante do exposto, o leitor estará se perguntando: onde se situa o autor nestas três gerações? Precisamente, penso, na segunda geração. Saindo da Paraíba ainda jovem (23 anos), fui estimulado por alguns professores (por exemplo, Mardônio Rique

Dias e Bartomoleu Torres Tróccoli) para ir fazer Mestrado na Universidade de Brasília, chegando ali para uma seleção no final de 1989. Em Janeiro de 1990 comecei o curso, tendo a possibilidade de trabalhar com dois professores inesquecíveis, a quem devo a maior parte de minha formação em estatística (Hartmut Günther) e psicometria (Luiz Pasquali). Tive, então, a oportunidade de testemunhar a consolidação do LABPAM (Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida), recém criado e coordenado pelo professor Luiz Pasquali. Na ocasião tive o privilégio de trabalhar com equipamentos de última geração, como os ATs 286 e 386 (computadores pessoais então com grande capacidade de armazenamento e processamento; uns 5 ou 10 MB de disco rígido e 256 de memória RAM).

Neste laboratório tive oportunidade de trabalhar com diversos colegas, alguns seguiram na área de avaliação psicológica (por exemplo, Wagner Andriola) e outros buscaram rumos diversos, embora empregando conhecimentos ali obtidos (por exemplo, André Ramos, Fábio de Jesus Miranda). Naquele momento na UnB não existia o CESPE e as consultorias eram individualizadas, particularizadas principalmente no Pasquali, quem proporcionava aos jovens como eu a oportunidade de se sentirem capazes, opinando acerca de processos de avaliação e análise de dados. Alguns projetos movimentaram o LABPAM durante o período que ali fiquei (1991-1992), destacando-se a adaptação de diversos instrumentos para o Brasil, entre os quais tive oportunidade de colaborar mais intensamente com os seguintes: *Rathus Assertiveness Scale* (Pasquali & Gouveia, 1990) e *Goldberg Health Questionnaire* (Pasquali, Gouveia, Andriola, Miranda & Ramos, 1994).

Em 1992 regressei à Paraíba, já mestre, passando a ocupar a vaga de professor de Psicologia Experimental na Universidade Federal da Paraíba. Sempre achei que deveriam ter aprovado o outro candidato, que



era da área; não tardei em migrar para avaliação psicológica. Em 1993, voltando à UnB, procurei fazer uma Especialização em Psicometria. Este foi, então, o primeiro curso específico da área, organizado pelo professor Luiz Pasquali, contando com outros professores ilustres, a exemplo de Leandro da Silva Almeida (Universidade do Minho, Portugal), quem até hoje vem colaborando com diversos colegas brasileiros. Foi então uma oportunidade de reciclar os conhecimentos e, agora livre da dissertação, aprofundar na avaliação psicológica. Mas, meses depois estava de volta à Paraíba e, de lá, fui passar quatro anos na Universidade Complutense de Madri.

Na Espanha tive a felicidade de me deparar com diversos pesquisadores importantes no âmbito da avaliação psicológica, com destaque para dois com os quais mantive um contato mais próximo: José María Prieto e Rosario Martínez Arias. Com o primeiro tive oportunidade de colaborar na adaptação do 16PF-5 para o contexto espanhol (Prieto, Gouveia & Fernández, 1996) e publicar um texto curioso sobre psicologia telemática (Prieto & Gouveia, 1997), um capítulo de livro comemorativo dos 50 anos de TEA Ediciones (empresa de adaptação, elaboração e venda de testes psicológicos). Com a professora Martínez não publiquei qualquer coisa em concreto, mas ela muito me estimulou a aprender modelagem por equações estruturais, algo que era então novidade. Foi com ela que dei meus primeiros passos no uso da versão em DOS do Lisrel, exigindo alguma habilidade para escrever sintaxe. Contudo, não era algo alheio para quem começou a usar o *SPSS* em ambiente *mainframe*; isso em meados dos anos 1980 (já não estávamos mais perfurando cartões).

Durante o período que estive na Espanha (1994-1998), senti-me dividido entre a Psicologia Social (área em que os colegas do Departamento de Psicologia da UFPB gostariam que eu me doutorasse, contribuindo com a pós-graduação quando do meu retorno) e a paixão cultivada nos anos de

Especialização e Mestrado: avaliação psicológica, mais precisamente a psicometria. Finalmente, doutorei-me em Psicologia Social, mas resolvi que não abandonaria a avaliação psicológica – às vezes me pergunto se não ocorreu o contrário, pois minha tese, embora na área social, propõe, além de um modelo teórico dos valores humanos, a elaboração de uma medida e adaptação de outras tantas. De volta ao Brasil, criei o núcleo de pesquisa *Bases Normativas do Comportamento Social*, cuja uma das áreas passou a ser precisamente de adaptação e construção de testes e escalas. Os anos seguintes foram de consolidação de meu interesse na avaliação psicossocial, culminando com a criação do *Laboratório de Avaliação e Medida Psicossocial (LAMPSO)*, recebendo estudantes de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, assim como colegas interessados em fazer estágio de pós-doutorado. Curiosamente, em razão do meu interesse inicial no ensino e na pesquisa, não fiz Formação de Psicólogo. Mas, senti que faltava algo na minha formação e, em 2005, regressei como aluno da UFPB, efetivamente frequentando a sala de aula, para concluir o curso, estagiando em Psicodiagnóstico e desenvolvendo o *TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)* com a competente professora Maria da Penha de Lima Coutinho.

Como integrante da segunda geração, aprendi muito com os colegas da primeira, quer diretamente, como no caso do Pasquali, vivenciando o dia a dia do seu laboratório, servindo de “mão de obra barata e desqualificada”, ou indiretamente, com colegas como Cláudio Hutz e Solange Wechsler – apenas para citar dois deles –, a partir de discussões em congressos como o da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia) e do IBAP. Mas também não estive alheio à influência de colegas mais contemporâneos, como Ricardo Primi e João Carlos Alchieri, e mesmo daqueles que fui formando ao longo dos anos, a exemplo de Girlene Ribeiro de Jesus e Walberto Silva dos Santos. A propósito das



peças que formei, penso que já passam de cinco dúzias, entre aqueles de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Muitos deles são hoje colegas professores de avaliação psicológica em diversas universidades brasileiras (por exemplo, UFAL, UFC, UFF, UFPB, UFPI, UNIPE) ou atuando na área de pesquisa em avaliação (por exemplo, CESPE).

Em resumo, como se depreende do anteriormente descrito, a avaliação psicológica, como a percebo, foi inicialmente desenvolvida no eixo Brasília-São Paulo-Rio Grande do Sul. Contudo, não tardou em se expandir para outros estados, sendo hoje evidentes profissionais qualificados também no Nordeste. Isso, possivelmente, assegure a consistência da área, que dá indícios de crescer em alguns centros de pesquisa, mas poderá sucumbir em outros, caso não seja oxigenada. Particularmente, devo parte importante da minha trajetória na área ao professor Luiz Pasquali, a quem serei sempre grato por sua generosidade em receber, acolher e dar oportunidade a um jovem desejoso em aprender. Mas, seguramente, outros colegas têm sido também importantes para a minha formação e, sobretudo, a sedimentação da área, possibilitando que ela se fortaleça cada dia mais.

DIVERSOS AVANÇOS

Durante as duas últimas décadas tenho percebido avanços importantes na área. Inicialmente, destaco a produção bibliográfica. Embora nos anos 1970 e 1980 a área já contava com publicações de referência, carecia de manuais mais práticos, voltados para o fazer a avaliação, não se restringindo a descrição dos testes psicológicos (Van Kolck, 1974) ou enfocando concepções gerais sobre medida (Kaplan, 1979). Foi precisamente a partir da segunda metade da década de 1990 que surgiram alguns dos primeiros manuais práticos de elaboração de testes e escalas (Pasquali, 1997, 1999). Ainda na mesma época, isto é, em

1997, foi criado o Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica, que em 2002 lançou a revista

Avaliação Psicológica, editada pela Casa do Psicólogo. Juntamente com os laboratórios de avaliação e medida em Psicologia, que por volta dos anos 1990 começaram a se consolidar em diversas universidades brasileiras (UFRGS, UnB, UNICAMP, UNISINOS), estes eventos impulsionaram a produção de pesquisa e publicação brasileira na área.

Duas contribuições importantes, não restritas à área de avaliação psicológica, mas dignas de menção para seu desenvolvimento, foram os fomentos à pesquisa, com Editais Universais e de Ciências Humanas e Sociais, o aumento das bolsas PQ (Produtividade em Pesquisa) e incentivo ao pós-doutorado, e o portal periódicos CAPES. Revistas de escasso acesso, como *Educational and Psychological Measurement*, *Psychological Assessment* e *Personality and Individual Differences* se tornaram mais correntes nas universidades, com disponibilidade para os estudantes e pesquisadores. Os cursos obrigatórios de *Psicólogo Perito Examinador do Trânsito*, que tiveram começo no final dos anos 1990, proporcionaram igualmente um incentivo para melhoria da formação na área, quer dos professores que precisaram se atualizar, ou dos alunos que aprenderam novos conteúdos ou aprimoraram os existentes.

Por fim, provavelmente resultado do amadurecimento destes pesquisadores, hoje já não se fala em psicodiagnóstico e psicométrica como práticas antagônicas, mas como partes de um mesmo processo, compreendendo a possibilidade de consolidar uma área denominada de avaliação psicológica. Duas linhas de pesquisa e prática, como denotadas pelos testes projetivos (por exemplo, TAT, Rorschach) e objetivos (por exemplo, Matrizes Progressivas de Raven, 16PF), têm hoje em dia a oportunidade de conviverem e compartilharem os mesmos espaços de discussão. Não se entendem como



contrárias, mas complementares; uma não é melhor do que a outra, e sim podem suprir suas limitações mútuas. Foi tal amadurecimento que fez igualmente possível a criação, em 2003, de uma Comissão de Especialistas junto ao Conselho Federal de Psicologia, responsável por avaliar os instrumentos psicológicos (testes, escalas, inventários, questionários), atestando sua adequação para uso de psicólogos. Contudo, resta muito ainda, primeiro para que a área siga existindo e, logo, permitir que possa se desenvolver mais, aspectos que são indicados a seguir como desafios.

DESAFIOS E ALGUMAS POSSIBILIDADES

Fazer ciência é deixar herdeiros. Se um grupo não se renova, não produz filhos dispostos a procriar e multiplicar propostas e idéias, a família se extingue. Eu temo que o maior desafio no momento seja proporcionar a continuidade de gerações bem sucedidas em centros de excelência; pesquisadores de todas as gerações são necessários. Não adianta restringir os grupos aos colegas da primeira geração, alguns dos quais sabidamente (em todos os sentidos) têm restringido suas contribuições em transformar em livros anos de prática; alguns deles já não suportam o ritmo louco de trabalho que as novas gerações têm imposto com o intuito de se manterem produtivas. Contar exclusivamente com aqueles da segunda geração é perder de vista a experiência, os ensinamentos e as avaliações críticas proporcionadas por aquelas da primeira. Porém, concentrar na terceira geração pode resultar na estagnação da área, uma vez que ainda se estão consolidando os novos doutores, formadores de massa crítica. Embora não exista uma receita, sob pena de a avaliação psicológica deixar de existir com a força que tem em algumas universidades, vale a pena contar com membros das três gerações anteriormente indicadas.

Através do desafio anterior está a formação. O número de programas de pós-

graduação no Brasil tem crescido rapidamente, reunindo hoje mais de cinco dezenas deles, nas diversas áreas. Não obstante, tem sido menor o número daqueles específicos em Avaliação Psicológica. Excetuando o programa de Mestrado e Doutorado da Universidade São Francisco, que é uma instituição privada, não existe qualquer outro programa específico na área. Demandar-se-ia pensar em novas possibilidades, não se restringindo a um enfoque psicodiagnóstico ou psicométrico. Reunir colegas interessados na questão da avaliação parece ser fundamental; independente da área, a avaliação precisa ser vista como uma ferramenta, um instrumento próprio dos psicólogos para conhecer processos e atributos psicológicos latentes. Com a crescente demanda da sociedade pela avaliação psicológica (por exemplo, para a permissão de conduzir, a obtenção do porte de arma, os concursos públicos), é preciso que se forme mais e melhor, procurando incorporar avanços recentes na área.

A formação em nível de graduação pode ser cada dia melhor se formarmos profissionais mais capazes na pós-graduação. Contudo, o leitor prontamente se indagará: o que fazer então com quem já se formou há tempo? Não percebo outra resposta que reciclar ou, empregando terminologia mais austera, capacitar. Cursos de 120 horas / aula, como os oferecidos para Psicólogo Perito Examinador de Trânsito, são bem-vindos. Porém, são necessárias novas especializações; não aquelas apenas para certificar, atestar que a pessoa tem um documento. Penso em capacitar durante eventos, congressos; capacitação intensiva, destinada ao público de congressos. Mas, obviamente, isso pode ficar dispendioso, cansativo e indesejado. Mas, por que então não fazer cursos virtuais? Recursos como o *TelEduc* (programa de acesso livre) poderão ajudar. Preocupam-me, principalmente, estudantes e profissionais interessados em se atualizar ou aprimorar, mas com acesso restrito às inovações veiculadas em



universidades de grandes centros urbanos. Por isso, percebo que entidades como o IBAP precisam dedicar algum esforço e recurso (oriundos de sócios ou congressos) para estes desenvolvimentos que muito ajudarão a transformar a área.

Neste ponto penso que é necessário também dirigir o olhar para as instituições que vêm realizando a maioria dos concursos no Brasil. É sabido que elas arrecadam quantitativos volumosos de dinheiro, utilizando, geralmente, especialistas formados com o investimento público, isto é, em universidades públicas e com auxílio de agências como CAPES, CNPq e FAPs. Mas, qual o retorno que tais instituições têm dado para o país e, especificamente, a área? Não haveria margem para financiar projetos em universidades brasileiras, oferecer cursos gratuitos, apoiar eventos científicos, proporcionar bolsas para aqueles que desejam se dedicar à área? O que dizer de possível parceria para montar um mestrado profissionalizante? Seguramente o valor demandado seria apenas uma parte pequena do que vem sendo obtido. Este compromisso social das instituições que se nutrem do dinheiro de concursos públicos poderia fazer toda a diferença para a área, proporcionando melhor formação e, conseqüentemente, maior qualidade dos processos seletivos. Está na hora de buscar parcerias, encontrar canais para o diálogo, permitindo ver que todas as partes (por exemplo, sociedade, profissionais, pesquisadores, instituições) sairão ganhando com este tipo de investimento.

Definitivamente, não é possível mais pensar de forma amadora na área. Por exemplo, os concursos e as agências governamentais de avaliação do ensino exigem qualificação e responsabilidades dos que fazem a avaliação psicológica. No caso de concurso público, envolve geralmente milhares de pessoas, cuja avaliação psicológica poderá mudar suas vidas de um dia para outro. Portanto, é normal e esperada a cobrança de responsabilidade daqueles que planejam e executam tal avaliação. Neste

sentido, a preparação é fundamental e se requer um material de testagem da melhor qualidade possível, reunindo evidências fortes de seus parâmetros psicométricos (validade e precisão) e apresentando normas adequadas. Obviamente, isso tem requerido um esforço incomensurável daqueles que estão na origem do processo, isto é, os pesquisadores e suas equipes. Não obstante, provavelmente estes sejam os menos recompensados; ganham destaque por seus instrumentos serem amplamente empregados, mas deixam de receber adequadamente por seu trabalho em razão de falta de controle da comercialização dos testes. Penso que é demandado um canal de negociação entre editoras e pesquisadores, pois, de outro modo, não tardará e cada dia mais surgirão laboratórios de pesquisa cuja função poderá ser desviada, focada na comercialização de testes ou ingresso em concorrências públicas portando o selo de exclusividade dos seus testes.

Há muito os colegas falam em integrar os laboratórios, permitindo que sejam coletados dados em diversos estados. Isso é um anseio, que precisará ser concretizado. Para o bem da área, é necessário estimular a exogenia nas nossas universidades, isto é, evitar que as pessoas se graduem, façam Mestrado e Doutorado na mesma instituição e esperem a abertura de vaga para atuar como professor. O intercâmbio de professores e estudantes pode ajudar a estreitar os laços e ampliar a visão; a participação como colaboradores em projetos mútuos também é salutar. Demandam-se redes verdadeiramente integradas, aspectos que os pesquisadores da região Nordeste parecem ir conseguindo aos poucos. Mas, no geral, sinto que faz falta maior diálogo entre as partes, quem sabe utilizando alguns dos recursos disponíveis na Internet, como criação de comunidades no *Orkut* (até já existe uma de Avaliação Psicológica) e grupos de discussão no *Yahoo* (existem alguns para disciplinas de avaliação ou temas específicos da área). A propósito destas novas tecnologias, quem sabe não possamos criar um espaço virtual, uma página



Web para pesquisas em avaliação psicológica no Brasil. Poderia ser algo gratuito, proporcionado por alguma instituição dedicada a albergar páginas de pesquisas, ou por uma empresa que se dedique a cobrar por “questionários aplicados”. Práticas deste tipo já são conhecidas em outros países, como os Estados Unidos.

Penso que fazer ciência não precisa ser coisa de iluminado. A linguagem telegráfica em tempos de *MSN* e *Orkut* provavelmente não ajudarão a aprender conceitos novos, próprios da avaliação psicológica. Porém, a linguagem rebuscada, com terminologias retiradas de dicionários empoeirados não facilitará a compreensão daqueles que pretendemos que conformem as gerações futuras. Colegas de ramos mais duros da ciência já se deram conta de que é preciso repensar a forma de apresentar as idéias, tornando-as mais claras, diretas, de compreensão fácil e praticidade evidente. Neste sentido, penso que, se quisermos assegurar a continuidade da área, precisamos escrever textos mais concretos, com exemplos práticos, procurando relacionar termos técnicos com a vida cotidiana. Para os alunos de graduação, por exemplo, ao menos em um curso introdutório, é possível falar de validade e precisão com menos números e fórmulas; a ilustração baseada na realidade poderá ser útil para estimulá-los a seguir aprendendo. Também é importante que os alunos saibam, afinal, para que estudar avaliação psicológica ou, especificamente, psicometria. O egoísmo intelectual é uma forma perversa de discriminar, mas que acaba se voltando contra o seu agente, isolando-o, banalizando e mesmo distorcendo a importância presumível de seu conhecimento. Possivelmente, cultivar os números e perder de vista a Psicologia sejam duas atitudes que contribuem para explicar o afastamento prematuro de jovens promissores que ingressam no curso, os quais poderiam contribuir decisivamente com a área.

Ninguém duvida de que a área de avaliação está em ascensão já há duas

décadas. Contudo, será preciso fazer valer a força que esta tem tido, presente por meio da publicação em diversas revistas gerais da Psicologia (por exemplo, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *Psicologia em Estudo*) ou especializadas, como as previamente listadas. Também é marcante a participação de profissionais da avaliação psicológica nos diversos congressos, e esta demanda é refletida no êxito de eventos científicos locais (por exemplo, *Encontro Mineiro de Avaliação Psicológica*, *Encontro Paraibano de Avaliação Psicológica*) e nacionais (por exemplo, *Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*, *Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*). Será preciso, não obstante, ocupar espaços importantes de representação, a exemplo do *Comitê de Assessoramento de Psicologia no CNPq*. Mas, sem renunciar a este desafio, existem outros que penso ser igualmente importantes. Fiquei feliz em participar do *Congresso Norte-Nordeste de Psicologia (CONPSI)* recentemente realizado em Belém (PA), que foi um sucesso; particularmente pude perceber que existe no Norte o desejo de colegas psicólogos de aprender, desenvolver a Psicologia. Penso que será importante para a área estimular eventos em avaliação psicológica na Região; o IBAP e a ASBRo, por exemplo, poderiam organizar naquele contexto um evento local ou mesmo nacional.

Finalmente, sem pretender entrar em polêmica, é preciso também pensar em como certificar os instrumentos psicológicos. Reconhecidamente, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) deu um passo importante neste âmbito, criando uma Comissão de Especialistas em Avaliação Psicológica. Contudo, quem define esta Comissão? Quais os requisitos precisam ter estes especialistas? Que vínculos são permitidos que tenham com editoras que comercializam tais instrumentos? Como se procede a renovação desta Comissão? Não são poucas as perguntas a serem respondidas, e quiçá a primeira devesse



ser: pode efetivamente o CFP ser o órgão regulador de práticas científicas, como é a construção, adaptação e padronização de instrumentos psicológicos? Neste ponto, talvez, poderia ter lugar uma entidade independente ou mesmo um conjunto de associações ou sociedades. Se a *Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* e o *Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica* congregam a maior parte dos especialistas na área, não caberia a estas instituições definir uma Comissão de Especialistas? Alternativamente, se existe um grupo de pesquisadores PQ (Bolsistas de Produtividade em Pesquisa) do CNPq, por que não recorrer aos pareceres destes colegas? Penso que, em algum momento, estas questões precisarão ser consideradas e, se possível, diretamente respondidas.

CONCLUSÃO

A área de avaliação psicológica cresceu, criando uma estrutura própria de fazer pesquisa em Psicologia. Contar com eventos e revistas específicos da área são provas incontestes de tal crescimento, impulsionado por colegas que se empenharam em criar seus laboratórios e formar os mais jovens. Estamos hoje diante da terceira geração de pesquisadores da avaliação psicológica, provavelmente a primeira genuinamente brasileira, que vêm ocupando espaço em diversas universidades do país. Em razão do desenvolvimento alcançado, a realidade local já não suporta traduzir livros básicos de avaliação psicológica ou, especificamente, psicometria; avançamos a ponto de produzirmos nossos próprios textos (por exemplo, Alchieri, 2007; Alchieri & Cruz, 2003; Noronha, Santos & Sisto, 2006; Pasquali, 2003), e as revistas científicas neste país dão prova de que seguimos avançando, cada dia mais realizando pesquisas de qualidade destacada.

Percebo um contexto hoje diferente daquele dos anos 1980. Passadas quase três décadas, é momento de voltar o

olhar para o horizonte, incentivar a geração atual, estimulando os mais jovens a dar prosseguimento a área de avaliação psicológica. Não basta ensinar *Psicometria* ou *Técnicas de Exame Psicológico* nas universidades; será preciso fazer e, sobretudo, mostrar aos recém-ingressos a utilidade da área. O leitor pode estar certo que, a julgar pelas demandas (por exemplo, concursos públicos, habilitações de motoristas, avaliações escolares, avaliação de programas), muito espaço há ainda para crescer. Percebo um mercado promissor, seja como pesquisador e professor universitário, psicometrista ou avaliador, psicólogo perito examinador. Se um jovem, da idade que tive outrora, quando comecei a dar meus primeiros passos acadêmicos, me pedisse uma sugestão de que área escolher, supondo sua disponibilidade em aprender, recomendaria a avaliação psicológica. Mas, seria ainda mais específico: é preciso ir além, aprendendo os princípios da *TCT*, complementando-os com aqueles da *TRI* e estando aberto para novidades que seguem em ebulição. Penso que sou algo bastante arcaico, advogando pelo sistema feudal de ensino-aprendizagem: é vivendo na casa do artesão que efetivamente se aprende, isto é, quer aprender avaliação psicológica, junte-se com quem faz; peça licença e ocupe um cômodo do seu laboratório, da sua clínica. Contudo, sem deixar de dizer o que pensa ou ter atitude submissa, ofereça-se como “mão de obra barata e desqualificada”, mas com interesse e aptidão para aprender.

Chegará o dia em que o psicólogo, como ocorreu com o médico, dará importância não apenas ao que o paciente fala no consultório; será preciso avaliar o que ele não diz ou não sabe adequadamente dizer por não se conhecer. A avaliação psicológica proporciona para o psicólogo indicadores a partir dos quais orientar sua prática e indicar formas de tratamento; se antes os maiores desafios dos médicos poderiam ser detectados a partir da escuta ou da observação direta, hoje nenhum profissional dispensa os exames



laboratoriais, cada dia mais específicos e sofisticados, a ponto de identificar precocemente tumores e assegurar tratamentos eficazes que proporcionem maior tempo de vida para o paciente. Atribuir dificuldade de aprendizagem a uma criança em razão de aspectos cognitivos (por exemplo, baixa inteligência), afetivos (por exemplo, depressão) ou comportamentais (por exemplo, hiperatividade) faz toda a diferença na hora de tratar; unicamente uma avaliação psicológica detalhada orientará o psicólogo para melhor forma de intervir.

Por fim, seguramente ainda ouviremos falar de *Laboratório de Análise Psicológica*, fazendo alusão a um espaço destinado a realizar avaliação psicológica, que poderá ser demandado por psicólogos de diversas especialidades, preocupados em ter uma prática fundamentada, amparada em evidências empíricas e sistemáticas, descartando explicações “alternativas” para algumas desordens de conduta ou distúrbios psicológicos. Isso tornará a prática do psicólogo menos mística, mais confiável e, acima de tudo, respaldada. O psicólogo não pode perder o sentido humanizador da sua relação com o outro (paciente, cliente), mas não deve prescindir de recursos de avaliação e medida desenvolvidos na Psicologia.

REFERÊNCIAS

- Alquieri, J. C. (Org.). (2007). *Avaliação psicológica: Perspectivas e contextos*. São Paulo: Vetor.
- Alchieri, J. C. & Cruz, R. M. (2003). *Avaliação psicológica: Conceitos, métodos e instrumentos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Baquero, G. (1974). *Testes psicométricos e projetivos: Medidas psico-educacionais*. São Paulo: Edições Loyola.
- Cruz, R. M., Alchieri, J. C. & Sardá Jr., J. J. (Orgs.) (2002). *Avaliação e medidas psicológicas: Produção do conhecimento e da intervenção profissional*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cunha, J. A. (2003). *Psicodiagnóstico V*. Porto Alegre: Artmed.
- Kaplan, A. (1975). *A conduta na pesquisa: Metodologia para as ciências do comportamento*. São Paulo: EPU / Edusp.
- Noronha, A. P. P., Santos, A. A. A. & Sisto, F. F. (2006). *Facetas do fazer em avaliação psicológica*. São Paulo: Vetor.
- Pasquali, L. (1997). *Psicometria: Teoria e aplicações*. Brasília, DF: Editora da UnB.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM/IBAPP.
- Pasquali, L. (2001). *Técnicas de Exame Psicológico – TEP: Manual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes em Psicologia e Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Pasquali, L. & Gouveia, V. V. (1990). Escala de Assertividade Rathus - RAS: Adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6, 233-249.
- Pasquali, L., Gouveia, V. V., Andriola, W. B., Miranda, F. J. & Ramos, A. (1994). Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QSG): Adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 421-437.
- Prieto, J. M. & Gouveia, V. V. (1997). *Psicología telemática*. Em A. Cordero (Org.), *La evaluación psicológica en el año 2000* (pp. 347-378). Madrid: TEA Ediciones.
- Prieto, J. M., Gouveia, V. V. & Fernández, M. A. (1996). Evidence on the primary source-trait structure in the Spanish 16PF, 5th Edition. *Revue Européenne de Psychologie Appliquée*, 46, 33-43.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Van Kolck, O.L. (1974). *Técnicas de exame psicológico e suas aplicações no Brasil*. Petrópolis: Vozes.